

O Método

5. A humanidade da humanidade

Edgar Morin

O Método

5. A humanidade da humanidade

A identidade humana

TRADUÇÃO DE JUREMIR MACHADO DA SILVA

5ª edição



Editora Sulina

Título original: La méthode 5. L' humanit de l'humanité

  Editions du Seuil, 2001

  Editora Meridional, 2002

Tradu o: *Juremir Machado da Silva*

Capa: *Eduardo Miotto*

Foto contracapa: *Ana Cl dia Rodrigues*

Projeto gráfico e editora o: *Daniel Ferreira da Silva*

Revisão: *Matheus Gazzola Tussi*

Editor: *Luis Gomes*

Dados Internacionais de Cataloga o na Publica o (CIP)

Bibliotecária Responsável: *Ginamara Lima J. Pinto CRB 10/1204*

M858m Morin, Edgar
O método 5:a humanidade da humanidade. / Edgar Morin ; trad.
Juremir Machado da Silva. 5ª edi o — Porto Alegre : Sulina, 2012.
309 p.

ISBN: 978- 85-205-0308-9

1.Antropologia Filosófica 2.Ciências Sociais 3.Sociologia do
Conhecimento I.Silva, Juremir Machado da II.Título

CDD:301-21

Todos os direitos desta edi o reservados  
EDITORA MERIDIONAL LTDA.

Av. Osvaldo Aranha, 440 cj. 101

Cep: 90035-190 Porto Alegre-RS

Tel: (0xx51) 3311-4082

Fax: (0xx51) 3264-4194

www.editorasulina.com.br

e-mail: sulina@editorasulina.com.br

{Abril/2012}

“Cet ouvrage, publié dans le cadre du programme d’aide à la publication, bénéficie du soutien du Ministère français des Affaires Etrangères, de l’Ambassade de France au Brésil et de la Maison de France de Rio de Janeiro.”

“Este livro, publicado no âmbito do Programa de Apoio à Publicação, contou com a ajuda do Ministério francês das Relações Exteriores, da Embaixada da França no Brasil e da Maison de France no Rio de Janeiro.”

Agradecimentos

A Jean-Louis Le Moigne, amigo fiel e leitor atento, cujas objeções, com frequência aceitas, foram-me tão úteis. Jean Tellez, cuja contribuição pertinente e devotada ajudou-me na revisão, na bibliografia e no índice de definições. Minha assistente, Catherine Loridant, cujas leituras minuciosas assinalaram-me erros, pontos obscuros, problemas; e que, cuidadosamente, conferiu as referências bibliográficas. Christiane Peyron-Bonjan e Alfredo Pena Vega, leitores atentos e críticos das minhas primeiras versões. Agradeço também a Jean-Claude Guillebaud pela leitura crítica do texto final.

Agradeço a Pierre Bergé, cujo apoio foi indispensável para a finalização desta obra. Maurice Botton e Charlotte Bonello, queridos amigos que ofereceram, em Sitges, as melhores condições de residência e de amizade para que eu terminasse a redação deste livro.

Sumário

Preliminares, 15

Nota sobre os problemas bibliográficos, 21

PRIMEIRA PARTE

A trindade humana

1. Do enraizamento cósmico à emergência humana, 25

I. O enraizamento cósmico, 25

Natureza e destino cosmo-físico do humano, 27

II. O enraizamento biológico, 29

III. A grande decolagem: a hominização, 31

2. A humanidade da humanidade, 35

A segunda natureza, 35

A humanidade da linguagem, 36

A revolução mental, 38

O eros, 40

A abertura ao mundo, 40

A grande evidência: racionalidade e técnica, 41

A evidência velada: o imaginário e o mito, 42

Magia, rito e sacrifício, 43

A noosfera, 44

A humanidade e a desumanidade da morte, 46

Além das raízes, 48

3. A trindade humana, 51

Indivíduo/sociedade/espécie, 51

A inseparabilidade, 53

A solda epistemológica, 55

4. O uno múltiplo, 56

- I. A diversidade infinita, 59
 - II. A unidade genérica, 58
 - A identidade humana comum, 59
 - A unidade humana diante da morte, 61
 - A unidade cultural e sociológica, 61
 - III. O uno múltiplo: unidade → diversidade, 62
 - ↑—————|
- O grande paradoxo, 65

SEGUNDA PARTE

A identidade individual

Introdução, 73

1. O âmago do sujeito, 74

- A relação com o outro, 77
- A sujeição, 79
- O objetivo do subjetivo, 79
- O sujeito e a morte, 80
- Sujeito engraçado, 81

2. A identidade polimorfa, 82

- O paradoxo do feminino/masculino: a dualidade mais e menos profunda, 82
- Os paradoxos da idade, 85
- A dualidade interior, 86
- A unidade plural da identidade pessoal, 86
- Multiplicidades e dualidades internas, 87
- As duplicações e multipersonalidades, 88
- Papéis de vida, vida de teatro, mimese, 90
- As cavernas interiores, 93
- O cosmo secreto, 93
- O Eu contínuo e o Ego descontínuo, 94

3. Espírito e consciência, 96

I. Poderes e fraquezas do espírito, 96

O erro é humano, 96

O cérebro e o computador, 97

O pensamento uno e plural, 102

O pensamento duplo, 103

Unidade, oposição e dialógica dos dois pensamentos, 104

As aventuras do espírito, 106

O espírito criador, 107

A alma, 108

II. Poderes e fraquezas da consciência, 109

4. O complexo de Adão. *Sapiens-demens*, 115

Homo demens, 117

A afetividade, encruzilhada, 120

A trindade psíquica, 123

A dialógica racionalidade, afetividade e mito, 124

O gênio e o crime, 125

O circuito *sapiens* → *demens*, 126



5. Além da razão e da loucura, 129

Homo consumans, 129

Homo ludens, 130

A realidade do imaginário, 131

O estado estético, 132

O estado poético, 135

Homo complexus, 140

6. A realidade suportável, 142

O compromisso “neurótico”, 143

O pacto *surrealista*, 145

A cooperação realista, 148

As duas vontades de domínio, 152

Oásis?, 153

Conclusão, 155

TERCEIRA PARTE
As grandes identidades

1. A identidade social (1): o núcleo arcaico, 163

O núcleo arcaico, 163
Cultura: o patrimônio organizador, 165
Indivíduos → sociedade, 167
↑—————↓
Organização sexual da sociedade
↑—————↓
Organização social da sexualidade, 170
Família, amor e ódio, 171
Novo curso?, 174

2. A identidade social (2): Leviatã, 176

O Estado dominador, 177
O despotismo, 180
O Estado civilizador, 181
A civilização democrática, 182
A megamáquina, 183
As estruturas da megamáquina, 187
A espontaneidade eco-organizadora, 192
O Estado-nação moderno, 193
Os dez preceitos do complexo social, 197
O ser do terceiro tipo, 199

3. A identidade histórica, 202

A avalanche histórica, 203
O acontecimento, 206
Os pilotos e os inspiradores, 208
O jogo do devir: do desvio à tendência, 210
O jogo do devir, 212
A técnica, agente da história, 213
O mito, agente da história, 215
A hipótese do progresso, 217
O jogo duplo da história, 220
O revelador histórico, 222
Fim ou recomeço, 224

4. A identidade planetária, 225

- A grande diáspora, 225
- I. A dupla hélice da era planetária, 226
 - A primeira hélice, 226
 - Trocas e comunicações, 228
 - O indivíduo hologramático, 229
 - A segunda hélice, 231
- II. Rumo a uma sociedade-mundo?, 235
 - Rumo ao Leviatã planetário, 236
 - As grandes carências, 238
 - A comunidade de destino, 239
- III. A incerteza do caos, 241
 - O avanço à sombra da morte, 242

5. A identidade futura, 244

- I. Rumo às metamáquinas, 245
 - A alternativa, 246
- II. O futuro da identidade humana: meta-humanidade, super-humanidade?, 248
 - O controle da mente pela mente: cérebro-piano, 249
 - Rumo à *demortalidade*?, 250
 - Meta-humano, demasiado super-humano, 252
 - Mortal *amortalidade*, 253
 - Metamorfose, 255
 - A mente todo-poderosa e frágil, 256
 - A outra via, 258

QUARTA PARTE

O complexo humano

1. Despertos e sonâmbulos, 267

- O império do meio, 269
- O império dos genes, 270
- A influência sociológica, 272
- A influência da história, 277
- A influência das ideias, 277

Os caminhos da liberdade, 279
A máquina não trivial, 279
As liberdades do espírito, 282
Possessão, 283
Entre vigília e sonambulismo, 284

2. Retorno ao original, 287

- I. O complexo humano, 287
 A existência, 289
- II. O mistério humano, 290
- III. O retorno ao homem “genérico”, 293
- IV. A segunda pré-história, 295

Definições, 297

Preliminares

Que quimera é, então, o homem?
Que novidade, que monstro, que caos,
que objeto de contradição, que prodígio!
Juiz de todas as coisas, verme
imbecil; depositário do verdadeiro,
cloaca da incerteza e do erro;
glória e dejetos do universo. Quem
resolverá essa confusão?

Pascal

Cada homem carrega a forma
inteira da condição humana.

Montaigne

O homem compõe-se do que tem
e do que lhe falta.

Ortega y Gasset

Se alguém quer realmente buscar a verdade,
não deve escolher uma ciência particular;
elas estão todas unidas e dependem
umas das outras.

Descartes

A adequação do método analítico é
inversamente proporcional à
complexidade estudada.

Wojciechowski

Uma palavra ilumina a minha pesquisa:
compreender.

Marc Bloch

Trata-se de ensinar a humanidade
à humanidade.

Rodrigo de Zayas

Permanecemos um mistério para nós mesmos. A frase de Pascal, citada como epígrafe, é mais do que nunca atual.

Deram-se, entretanto, progressos extraordinários de conhecimento sobre nossa situação no universo, entre os dois infinitos (cosmologia, microfísica), sobre nossa matriz terrestre (ciências da Terra), sobre nosso enraizamento na vida e na animalidade (biologia), sobre a origem e a formação da espécie humana (pré-história), sobre nosso enraizamento na biosfera (ecologia) e sobre nosso destino social e histórico. Podemos encontrar na literatura, na poesia e na música (linguagem da alma humana), na pintura e na escultura outras tantas mensagens sobre a profundidade de nossos seres.

Assim, todas as ciências e todas as artes iluminam, a partir de ângulos específicos, o fenômeno humano. Mas esses focos de luz estão separados por profundas zonas de sombra, e a unidade complexa da nossa identidade escapa-nos. A convergência necessária das ciências e das humanidades para restituir a condição humana não se realiza. Ausente das ciências do mundo físico (embora também seja uma máquina térmica), separado do mundo vivo (mesmo sendo um animal), o homem é, nas ciências humanas, dividido em fragmentos isolados.

De fato, os princípios da redução e da separação, que reinaram nas ciências, inclusive nas humanas (tornadas assim inumanas) impedem que se pense o humano. A era estruturalista transformou esse obstáculo em virtude e Lévi-Strauss pôde até mesmo enunciar que o objetivo das ciências humanas não era revelar o homem, mas dissolvê-lo.

Assim, é o modo de conhecimento que inibe nossa possibilidade de conceber o complexo humano. A contribuição inestimável das ciências não produz os seus frutos: “Nenhuma época acumulou sobre o homem tão numerosos e diversos conhecimentos como a nossa (...) Nenhuma época conseguiu tornar esse saber tão pronta e facilmente acessível. Mas nenhuma época tampouco soube menos o que é o homem” (Heidegger).

O homem permanece “esse desconhecido”; hoje, mais por *malciência* do que por ignorância. Daí o paradoxo: quanto mais conhecemos, menos compreendemos o ser humano.

Ao desintegrar o homem, elimina-se a surpresa e a interrogação sobre a identidade humana. Precisamos reaprender a questioná-

la. Em consequência, como disse Heidegger, “questionar estilhaça a separação das ciências em disciplinas compartimentadas”.

Para operar o questionamento, não se deve, conforme a indicação de Descartes, citada em epígrafe, “escolher uma ciência particular”, pois “elas estão todas unidas e dependem umas das outras”; deve-se “acrescentar a luz natural da razão”¹.

É preciso não se “pensar muito pobremente a humanidade do homem”².

Não se deve nem mesmo reduzir o humano ao humano. Como dizia Romain Gary, “a palavra humanidade contém a desumanidade: a desumanidade é uma característica profundamente humana”.

Precisamos de um pensamento que tente juntar e organizar os componentes (biológicos, culturais, sociais, individuais) da complexidade humana e injetar as contribuições científicas na antropologia, no sentido do pensamento alemão do século XIX (reflexão filosófica centrada no ser humano). Significa, ao mesmo tempo, reaprender a concepção de “homem genérico”, do jovem Marx, que perpassa toda a sua obra, mas complexificando e aprofundando essa noção, à qual faltava o ser corporal, a psique, o nascimento, a morte, a juventude, a velhice, a mulher, o sexo, a agressão, o amor. Precisamos, nesse sentido, de uma abordagem existencial aberta à angústia, ao gozo, à dor, ao êxtase.

Como veremos, o termo “humano” é rico, contraditório, ambivalente; de fato, é demasiado complexo para os espíritos formados no culto das ideias claras e distintas.

Meu empreendimento é concebido como integração reflexiva dos diversos saberes relativos ao ser humano. Não se trata de somá-los, mas de ligá-los, articulá-los e interpretá-los. Não se quer limitar o conhecimento do humano somente às ciências. A literatura, a poesia e as artes não são apenas meios de expressão estética, mas também meios de conhecimento. Há plena vontade de integrar a reflexão filosófica sobre o ser humano, alimentando-a com as descobertas científicas, o que foi negligenciado por Heidegger. Também a integração recíproca da filosofia e da ciência deve ser repensada.

¹ R. Descartes, *Règles pour la direction de l'esprit*. Paris, Vrin, 1988, p. 4.

² M. Heidegger, in *Lettre sur l'humanisme*. Paris, Aubier-Montaigne, 1983.

O conhecimento do homem deve incluir uma parte introspectiva; se é verdade, como diz Montaigne, que cada indivíduo singular “carrega a forma inteira da condição humana”, ele deve estimular cada um, inclusive o autor destas linhas, a encontrar em si verdades de valor universalmente humano. Mas todas as verdades adquiridas a partir de fontes objetivas e da fonte subjetiva devem sofrer o exame epistemológico, o único que olha os pressupostos dos diversos modos de conhecimento, inclusive o seu, e o único que considera possibilidades e limites do conhecimento humano.

O conhecimento do humano deve ser, ao mesmo tempo, muito mais científico, muito mais filosófico e, enfim, muito mais poético do que é. Seu campo de observação e de reflexão é um laboratório muito amplo, o planeta Terra, na sua totalidade, no seu passado, no seu futuro e também na sua finitude, com seus documentos humanos que começam há seis milhões de anos. A Terra constitui um laboratório único onde, no tempo e no espaço, manifestaram-se as constantes e as variações humanas – individuais, culturais, sociais: todas as variações são significativas, todas as constantes são fundamentais. Os casos extremos, como Buda, Jesus e Maomé, Hitler e Stalin, permitem compreender melhor o ser humano. A escravidão, o campo de concentração, o genocídio e, finalmente, todas as desumanidades são reveladores de humanidade.

O conhecimento que propomos é complexo:

- porque reconhece que o sujeito humano estudado está incluído no objeto;
- porque concebe, inseparavelmente, a unidade e a diversidade humanas;
- porque concebe toda as dimensões ou aspectos, atualmente separados e compartimentados, da realidade humana, que são físicos, biológicos, psicológicos, sociais, mitológicos, econômicos, sociológicos, históricos;
- porque concebe *homo* não apenas como *sapiens*, *faber* e *economicus*, mas também como *demens*, *ludens* e *consumans*;
- porque junta verdades separadas e que se excluem;
- porque alia a dimensão científica (ou seja, a verificação dos dados, o espírito de hipótese e a aceitação da refutabilidade) e as dimensões epistemológica e reflexiva (filosóficas);

– porque dá novamente sentido às palavras perdidas e esvaziadas nas ciências, inclusive cognitivas: alma, espírito, pensamento.

“Levar a humanidade ao conhecimento das suas próprias realidades complexas é realmente possível. Só se pode enfrentar o desconhecido a partir daí.” Essa frase de Rodrigo de Zayas resume minha intenção. O problema humano, hoje, não é somente de conhecimento, mas de destino. Efetivamente, na era da disseminação nuclear e da degradação da biosfera, tornamo-nos, por conta própria, um problema de vida e/ou morte. Este trabalho também nos liga ao destino da humanidade.

Por que me entreguei a este livro? A obsessão principal da minha obra diz respeito à condição humana. Escrevi *O homem e a morte* de 1948 a 1951, “Fragmentos para uma antropologia”, em *Arguments* (1960)³. *Le vif du sujet*, em 1963-1964. *O paradigma perdido*, em 1972; na realidade, o primeiro (1977) e o segundo (1981) tomos de *O Método* atrelam a interrogação do humano à do mundo físico e do mundo vivo. O terceiro e o quarto, que tratam das possibilidades e dos limites do nosso conhecimento, ligam antropologia e epistemologia, que, para mim, se remetem uma à outra. Enfim, tratei dos problemas e do destino da humanidade, em nossa era planetária, em *Introdução a uma política do homem* (1965, 1999), *Para sair do século XX* (1981), *Terra-Pátria* (1993).

O sentido da complexidade (ainda sem essa palavra) já se manifesta em *O homem e a morte* e *Le vif du sujet*, que são, cada um na sua ótica, ensaios de antropologia complexa. Depois, a palavra torna-se essencial em *O paradigma perdido*. *O Método* é elaborado para enfrentar as complexidades, e a noção de pensamento complexo se afirma em 1990 (*Introdução ao pensamento complexo*).

Deixei a *O Método* e ao seu final um longo tempo de maturação. Faz 30 anos que comecei o trabalho; e 12 anos que abri o canteiro de *A Humanidade da humanidade*.

Decidi isolar-me em 2001 para terminar a redação deste texto, deixado em repouso durante anos. Vim para o Mediterrâneo, não na margem toscana, como há 30 anos, mas na margem catalã. Tenho

³ *Arguments*, n° 18, *L'Homme-problème*, Paris, 1960.

sopros de entusiasmo renovado seguidos de sopros de melancolia. É que, ao mesmo tempo, parto no ardor de um recomeço e no langor crepuscular expresso no último *Lied*, de Richard Strauss. Eis-me em Sitges, dominando de uma grande área envidraçada o mar que me nutre.